

**A PEDAGOGIA FREIREANA NA EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR:  
O TEATRO DO OPRIMIDO EM EVIDENCIA**

**FREIREAN PEDAGOGY IN NON-SCHOOL EDUCATION:  
THE THEATER OF THE OPPRESSED IN EVIDENCE**

**LA PEDAGOGIA FREIREANA EN LA EDUCACIÓN NO ESCOLAR:  
EL TEATRO DEL OPRIMIDO EN EVIDENCIA**

Jocilene Oliveira Santos Brito <sup>1</sup>  
Nilma Margarida de Castro Crusó <sup>2</sup>

**RESUMO:**

Este trabalho faz parte da pesquisa<sup>3</sup> que analisou as experiências formativas nas práticas educativas não escolares do Teatro do Oprimido a partir das narrativas de integrantes de um grupo de teatro do interior da Bahia. O estudo traz contribuições do pensamento freireano para se pensar a educação não escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com aporte na Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz especificamente na noção de experiência como resultado da relação entre consciência e mundo. Tem como referência teórica central a Obra “Pedagogia do Oprimido” do educador Paulo Freire. Os resultados revelaram contribuições da pedagogia freireana nas ações desenvolvidas no T.O, por imprimir formações voltadas para dimensões educacional, social e política ou, em outros termos, para uma educação política e social emancipadora.

**Palavras-Chaves:** Educação de Jovens. Educação não escolar. Fenomenologia. Pedagogia Freireana. Teatro do Oprimido.

**ABSTRACT:**

This paper is part of the research that analyzed the formative experiences in non-school educational practices of the Theater of the Oppressed, based on a theater group members narratives from the countryside of Bahia. The study brings contributions of Freire's thought about non-school education. This is qualitative research, based on Alfred Schutz's Sociological Phenomenology, specifically on the notion of experience as a result of the relationship between consciousness and the world. Its central theoretical reference is the work "Pedagogia do Oprimido" by Paulo Freire educator. The results revealed contributions of Freire pedagogy in the actions developed in the T. O, by adding formations focused on educational, social, and political dimensions or, in other words, for a political and social

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Técnica em Teatro pelo Colégio Modelo (CMLEM). Professora do ensino fundamental municipal e pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Curriculares e Educativas (GEPPCE). E-mail: [oliveiras.jocilene@gmail.com](mailto:oliveiras.jocilene@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe(UFS). Doutora e Mestre em educação. Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Curriculares e Educativas (GEPPCE) e coordenadora do Projeto “A prática educativa como prática social e cultural”. E-mail: [nilcrusoe@gmail.com](mailto:nilcrusoe@gmail.com)

<sup>3</sup> Pesquisa de mestrado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

emancipating education.

**Keywords:** Youth Education. Non-schooling education. Phenomenology. Freirean Pedagogy. Theater of the Oppressed.

## **RESUMEN:**

Este trabajo hace parte de la investigación<sup>4</sup> que analizó las experiencias formativas en las prácticas educativas no escolares del Teatro del Oprimido a partir de las narrativas de integrantes de un grupo de teatro del interior de Bahía. El estudio trae contribuciones del pensamiento freireano para pensar la educación no escolar. Se trata de una investigación cualitativa, con aporte en la Fenomenología Sociológica de Alfred Schutz específicamente en la noción de la experiencia como resultado da relación entre consciencia y mundo. Tiene como referencia teórica central la Obra “Pedagogia do Oprimido” del educador Paulo Freire. Los resultados revelaron contribuciones de la pedagogía freireana en las acciones desarrolladas en el T.O, por dejar informaciones direccionadas para la dimensión educacional, social y política o, en otras palabras, para una educación política y social emancipadora.

**Palabras clave:** Educación Juvenil. Educación extraescolar. Fenomenología. Pedagogía freireana. Teatro de los oprimidos.

## **INTRODUÇÃO**

O pensamento pedagógico freireano<sup>5</sup> foi ferramenta base para o desenvolvimento desse trabalho. Freire, teórico, educador brasileiro e filósofo da educação é um dos estudiosos mais citados e apreciados na sua área de conhecimento em todo o mundo, buscou uma maneira de educar o ser humano a partir da sua própria experiência, uma educação pautada enquanto prática de liberdade, de ruptura com o que o aprisiona. Por isso, a maneira de se enxergar o mundo e como perceber-se nele é destaque no pensamento freireano e também nesse trabalho. Paulo Freire nos evidencia a necessidade do sujeito ser alfabetizado conforme a leitura que cada um faz do mundo, e esse processo consiste em aprender a ler o mundo para que, assim, se utilizasse a palavra ao seu favor. O autor adota um pensamento pedagógico político, por isso, essa educação se propõe para além do contexto escolar e, neste trabalho, utilizamos o espaço do Teatro do Oprimido (T.O) para estudar a aprendizagem e a construção emancipatória dos sujeitos envolvidos no contexto da educação não escolar.

Com o encontro entre T.O e pensamento freireano, chegamos à própria práxis, à ideia da prática pela transformação da realidade. Na educação, ao pensarmos em ação

---

<sup>5</sup> Especialmente na obra Pedagogia do Oprimido.

transformadora, nos deparamos com o espaço de politização e resistência contra as diversas forças opressoras que impõem suas ordens e manipulam as informações. Vale ressaltar que além de arte para transformação social o T.O é um instrumento também pedagógico que deve ser usado na educação. Para tanto, é justamente neste encontro de alfabetização e mundo da vida que o sujeito pode perceber-se no mundo.

Cada pessoa é um “universo” de ideias, de sentimentos, dúvidas, inquietações. Na educação não escolar, não há diferenciação entre a aprendizagem educativa e aprendizagem de mundo, ambas se adentram, como tão pronunciado por Freire, a educação parte de dentro para fora; é necessário conhecer o que cada ser humano traz dentro de si para que seu processo educativo seja realmente humano. Se distanciando da educação bancária, percebemos na educação de mundo, o cuidado em se pensar cada um como ser inconcluso, não vazio, mas, um ser que carece de partilhas para sua formação, encontramos neste processo uma ligação com o fundamento do T.O; trabalhar o ser humano a partir de suas internalidades para que assim ele possa se exteriorizar e modificar a sua realidade e a realidade do meio em que vive. Esse processo não é individual, pois educação em Freire é processo de aprendizagem partilhado. O ensino e a aprendizagem não é caminho de mão única.

Ao falar em T.O e educação, estamos diretamente falando de relações humanas, de construtos coletivos e complementares, de uma dimensão envolta à atmosfera de onde se aprende ao entender o outro, a escutar o outro, a perceber-se num constante processo de ressignificações dos sentimentos humanos. Alteridade é uma palavra significativa para representar o processo de ensino e aprendizagem abordada dentro do campo de encontro entre T.O e Pedagogia do Oprimido. Até aqui nossa intenção é pontuar o entendimento necessário para esclarecer que, para além do cunho artístico, o T.O é campo de aprendizagens práticas que resultam diretamente em melhorias na vida dos seus envolvidos. É um processo de busca pelo conhecimento, do autoconhecimento, da articulação política das ações.

A prática educativa não escolar do T.O pode ser pensada a partir de três princípios que unem justamente as ideias de Augusto Boal, dramaturgo, diretor e ensaísta brasileiro, o criador do T.O, e Paulo Freire: 1) uma perspectiva conscientizadora em que o sujeito passa de uma consciência ingênua para uma consciência crítica; 2) os elementos da realidade do sujeito são pontos de partida e de chegada; 3) a prática se faz como relação, no encontro “face a face”, como diria Schutz (2012). Desta maneira, nesse trabalho, apresentamos algumas possibilidades formativas da pedagogia freireana, presentes na prática educativa não escolar do T.O, de integrantes de um grupo de teatro do interior da Bahia onde se estuda e se pratica

T.O.

## 1 METODOLOGIA

O estudo se apoiou nos princípios teóricos e metodológicos da fenomenologia schutziana para entender que tipo de experiência formativa é revelada pela subjetividade que nasce do encontro entre a consciência e o mundo da vida e da relação com o outro. Chegou-se ao ponto em que se precisa situar, ainda que de forma breve, pelos limites desta exposição, a fenomenologia sociológica na pesquisa.

Schutz (2012), um intelectual do século XX, preocupa-se em não tomar o sujeito que age no mundo e a linguagem como algo dado; como um *a priori*; como algo que simplesmente existe, sem ter em conta que os significados, as motivações e as finalidades das ações, “referem-se a uma determinada estrutura da consciência”. Ao preocupar-se com a dimensão subjetiva da ação, fruto da relação entre consciência e mundo da vida, Schutz vai, justamente, buscá-la na consciência que é sempre de alguma coisa, de modo tal que consciência e mundo não podem ser concebidos separadamente. A consciência aqui não é um receptáculo das coisas do mundo; consciência e mundo surgem simultaneamente. Dito isso, entre a fenomenologia schutziana e a “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, encontra-se, na obra citada, um elo na relação entre consciência e mundo que, também, está presente em Schutz:

A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes do mundo e um mundo depois e vice-versa. [...]

Na medida em que os homens, simultaneamente, refletindo sobre o si e sobre o mundo, vão aumentando o campo de sua percepção, vão também dirigindo sua “mirada” a “percebidos “que, até então, ainda que presentes ao que Husserl chama de “visões de fundo”, não se destacavam, “não estavam postos por si” (FREIRE, 1978, p. 70-71, grifos do autor).

Na obra de Schutz, ao apresentar como se dá a experiência do homem que vive e age no mundo da vida, encontra-se a seguinte afirmação:

[...] Ele lida com esse mundo segundo o modo intelectualmente espontâneo e  
Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.4, n.7, 2021.

ativo da intencionalidade: não há qualquer fase ou aspecto da consciência humana que apareça em si mesma ou por si mesma: a consciência é sempre a consciência de alguma coisa. As formas da consciência são veiculadas ao conteúdo das experiências (SCHUTZ, 2012, p. 16).

Há, nessas passagens freireanas e schutzianas, a ideia de uma consciência relacional com o mundo. Schutz (2012) afirma que cada indivíduo constrói seu próprio “mundo” e o faz com o auxílio dos materiais e métodos que lhe são oferecidos por outros; o mundo da vida é um mundo social que aparece ao indivíduo de forma pré-estruturada. Em linhas gerais, ao se pretender analisar a conduta, pretende-se analisar a experiência subjetiva que se refere aos:

[...] meios segundo os quais um indivíduo orienta sua conduta nas diversas situações, isto é, seu “estoque de experiência” e seu “estoque de conhecimento disponível”. Ele não pode interpretar suas experiências e suas observações, nem definir a situação na qual se encontra, tampouco fazer planos para os próximos dez minutos sem antes consultar seu próprio estoque de conhecimento (SCHUTZ, 2012, p. 26).

A fenomenologia sociológica preocupa-se com a realidade cognitiva incorporada nos processos das experiências humanas intersubjetivas. O intersubjetivo, reduzido fenomenologicamente e apreendido concretamente é, então, concebido como uma sociedade de pessoas que compartilham uma vida consciente. Portanto, a consciência é elemento fundamental da experiência, que é sempre experiência de algo. Schutz (2012) revela, ainda, que o fenomenólogo deve examinar não apenas “a própria experiência de si mesmo”, mas, também, a experiência derivativa dos outros “eus” e da sociedade. (CRUSOÉ; SANTOS, 2020). As experiências formativas, com base na fenomenologia da vida cotidiana consistem nas experiências oriundas da relação entre pessoas que se situam na vida com suas biografias, em intersubjetividade com os semelhantes e que se constituem em existência social. (CRUSOÉ; SANTOS, 2020).

Para Schutz,

[...] as experiências do ser humano consciente que vive e age em um mundo que ele percebe e interpreta, e que faz sentido para ele. [...] a consciência é sempre a consciência de alguma coisa. A experiência é a atenção voltada para os objetos, sejam estes reais ou imaginários, materiais ou ideais, e todos estes objetos são intencionados. Esse é um processo imanente a toda experiência; o objeto é construído por um processo de apercepção mediante a síntese de diferentes “perspectivas” a partir das quais o objeto é realmente visto ou lembrado posteriormente do modo tipificado (SCHUTZ, 2012, p.

15-16).

Contudo, é importante que se esclareça que retemos de Schutz a ideia de intersubjetividade; de uma consciência que intenciona o mundo e concebemos a experiência formativa como experiência da consciência como reflexão sobre o mundo e, nesse sentido, amplia-se o campo de percepção da consciência, não nos contornos da consciência de classe, como anunciam Freire e Boal, mas uma consciência que pensa sobre si mesma e atribui sentido às experiências oriundas do mundo da vida. (CRUSOÉ; BRITO, 2018).

## **2 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR: A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**

Célebre produção do educador Paulo Freire, a Pedagogia do Oprimido foi obra fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, pois, conforme o próprio Freire (2017, p. 94-95) “A Pedagogia do Oprimido [...] tem que ver com o aprendizado jamais interrompido [...] o da necessidade de transformação, da reinvenção do mundo em favor das classes oprimidas”.

Compreendemos o T.O enquanto prática teatral, social e política e, levando em consideração que tudo que se cria neste espaço é com a finalidade de transformação da realidade, já pensou o porquê da Pedagogia do Oprimido ser encontrada de uma forma tão nítida na prática do T.O? Conforme (BRITO, 2020), isso se dá porque ser humano é elemento central do seu processo de humanização, ator principal na luta contra a opressão. A Pedagogia do Oprimido de Freire passa a ser a “Pedagogia dos homens”, assim definida pelo educador, seria o processo de busca pela liberdade por meio da consciência de si, logo, temos no T.O uma aproximação à fenomenologia schutziana. (CRUSOÉ; BRITO, 2018). A consciência nessa perspectiva permite que os sujeitos posicionem o mundo da vida

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõe a si mesmos como problema. Descubrem que pouco sabem de si. De seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões dessa procura (FREIRE, 2005, p. 31).

Essa inquietude, que pode gerar no oprimido o desejo e a vontade de ser mais, propõe o espaço de não aceitação dessa condição. A busca pelo conhecimento é a busca por sua

libertação, a consciência de ser inconcluso e ciente que não está pronto e acabado, que se encontra em processo de humanização. Conforme Freire (2005, p. 32) “Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão”. É a partir da sua conscientização que se poderá construir seu processo de libertação, sempre provisório. Humanização e desumanização permanecem no caminho como possibilidades, pois ao assumir a humanização como norte, a desumanização vai se enfraquecendo e deixando de ter maior impacto na vida.

Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio da liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada (FREIRE, 2005, p. 31).

Historicamente a opressão faz parte de uma cultura estendida até a contemporaneidade. Desde os tempos mais antigos, é apresentada, nitidamente, a exclusão e a inferiorização de pessoas que passam à margem da sociedade, muitas oprimidas por sua própria condição de existir. Acompanha-se, ao longo da história, movimentos de luta e resistência pela defesa de direitos dos oprimidos por diversas questões. Lutam por sua humanidade roubada por tantas vezes e essa luta só é possível porque a opressão não é um destino pronto.

A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres para si, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (FREIRE, 2005, p. 31).

A luta contra a opressão se dá por precárias condições de vida, pela exploração do trabalho, por preconceitos de raça, sexo, gênero ou posição social e tantos outros aspectos desde os tempos mais remotos até os dias em que vivemos. O povo luta por seus direitos básicos roubados pelos diversos opressores existentes. Quando falamos de opressão não estamos apontando somente para as relações sociais, por mais que sejam elas norteadoras da vida em sociedade, foco de boa parte da opressão, falamos também das consequências geradas

dentro de cada oprimido, do seu sentir, da desvalorização enquanto ser colocados como menos.

Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos sem de si mesmos (FREIRE, 2005, p. 33).

A luta por sua própria libertação e pela de quem os oprimem coloca a Pedagogia do Oprimido e Teatro do Oprimido como caminhos para a libertação. Liberdade, como mencionada no pensamento freireano, é processo de busca e não estado dado, sendo justamente na inconclusão humana o terreno para que esta busca aconteça através da esperança. Conforme Freire (2013, p. 50). “A esperança na libertação não significa já a libertação. É preciso lutar por ela, dentro de confissões historicamente favoráveis. Se estas não existem, temos de pelear esperançosamente para criá-las, viabilizando, assim, a libertação”. Dessa forma:

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz, Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela previamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos. (FREIRE, 2005, p. 37).

Liberdade é prática. É perceber-se enquanto ser inferiorizado, oprimido, negado. Como nos mostra Freire (2013, p. 50). “A libertação é possibilidade, não sina, nem destino, nem fado”. Carece de autenticidade, de vencer o medo de ser livre, pois o ser humano deseja a liberdade ao mesmo tempo em que teme em tê-la.

Sofrem uma dualidade que se instala na “interioridade” do seu ser. Descubrem que, não sendo livre, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são os outros introjetados neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não o opressor de “dentro”

de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem expectadores ou atores, Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo (FREIRE, 2005, p. 38).

É pela práxis que os oprimidos têm o poder de transformar o mundo e intervir concretamente na realidade. Pedagogia do Oprimido e T.O são práticas que buscam a expansão do ser humano para que conscientes de si lutem por sua libertação, por seus direitos, pelo seu poder de se reinventar, por serem atores de suas vidas. Dessa maneira, conforme Freire (2013, p.33) “A vida vai virando existência e o suporte mundo quando a consciência do mundo que implica a consciência de mim, emergindo, já se acha em relação dialética com o mundo [...]”.

### **3 TEATRO DO OPRIMIDO: O ENCONTRO DA PEDAGOGIA FREIREANA COM A PRÁTICA EDUCATIVA NÃO ESCOLAR**

Aqui, antes das demais explanações, faz necessário apresentarmos um pouco do T.O para melhor compreensão do leitor. As técnicas envolvem a imagem, a palavra e o movimento a favor da expressão, da interpretação e das impressões acerca do mundo, as quais podem se transformar em pensamentos e ações sobre esse mundo de opressores e oprimidos.

O T.O acontece, em especial, por meio de oficinas, onde se fazem exercícios e jogos de movimento, ritmo, memória e percepção utilizadas como preparação para a modalidade que se vai desenvolver.

As oficinas de TO são coordenadas por um ou mais “curingas” e consistem, basicamente, em exercícios e jogos de desinibição, integração, desmecanização do corpo, desenvolvimento dos sentidos e análise de situações de opressão vividas pelos participantes. Podem culminar na elaboração de cena(s) de teatro-fórum e/ou de teatro invisível, ou podem ser destinadas à aplicação e à multiplicação (aprendizado) de técnicas do arco-íris do desejo. (NUNES, 2004, p.149)

O trabalho com o T.O contribui para “desmecanizar” o corpo e a mente, por tantas vezes já acostumados com a mecanicidade tanto nos costumes, quanto nos padrões sociais impostos. Por meio de seus jogos, o T.O foi construído com o intuito de democratizar o espaço teatral anteriormente tão inacessível para várias pessoas. Além disso, uma das

propostas fundamentais é a arte voltada para as questões políticas e pedagógicas como reflexão e prática a fim de dimensionar o ser humano a notar-se sujeito transformador do meio em que vive, pois, ainda em Freire (2013, p.33) “somos seres no mundo, com o mundo, e com os outros, por isso seres de transformação e não de adaptação a ele”. Nesse sentido, aproximou-se de uma versão teatral da Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire onde se torna importante citar:

Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser adoção do pronunciador de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens, que é um ato de criação e recriação [...] (FREIRE, 2005, p. 91).

A recuperação de tal celebração pode ser conquistada pelo trabalho de atuação, inclusive através do diálogo proposto por Freire por e para pessoas que vivem situações semelhantes às apresentadas e criticadas ou que estejam dispostas a correr os mesmos riscos. Trata-se de uma proposta de ação em cena para construir uma possibilidade de agir na vida de forma reflexiva. Portanto, o T.O significa um fazer teatral político, visando uma transformação social dos diversos modelos sociais e interpessoais de desigualdade.

Uma pedagogia libertadora deve estar sempre próxima dos oprimidos. Seu objetivo é restaurar a dignidade desse grupo, carece de generosidade e fé nos que lutam por sua libertação. Dessa forma, a prática educativa do T.O propõe aos seus participantes a experienciação com o mundo da vida a partir do encontro face a face de modo que tal prática põe em ação o pensamento freireano voltado à busca dos oprimidos por sua libertação, pela construção da emancipação humana e sempre um vir a ser de com a fenomenologia Schutiziana. Com isso, apresentamos no próximo item, fragmentos das experiências formativas vivenciadas por participantes da prática educativa do T.O.

#### **4 PRÁTICAS EDUCATIVAS DO TEATRO DO OPRIMIDO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DE PARTICIPANTES**

O que forma o T.O? O que é formar neste espaço? O quê, quem e para quê? Estas perguntas serão respondidas pelos participantes<sup>6</sup> desta pesquisa neste tem. Antes de partirmos

---

<sup>6</sup> Foram realizadas entrevistas com cinco integrantes do grupo e utilizamos nomes fictícios a fim de preservar o anonimato dos participantes.  
Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.4, n.7, 2021.

para as narrativas, nos faz necessário citar aqui:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo, vai dominando a realidade. Vai humanizando-a [...]. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. (FREIRE, 1978, p. 43)

T.O é ação, é práxis e diálogo, também som, imagem e palavra, portanto, as narrativas flutuam em grande proporção no pensamento Freireano, assim como a própria atmosfera de percepção e criação do T.O. Nota-se como a pedagogia de Freire reflete as narrativas e, por muitas vezes, ousamos a dizer que quase em sua totalidade.

Os integrantes da pesquisa foram escolhidos de acordo com a maioria, questão definida por conta da autonomia das informações prestadas por eles próprios sem a necessidade da autorização de terceiros. Também, como critério de escolha, priorizamos os membros que participam desde o início das atividades do grupo. Os envolvidos na pesquisa tiveram uma boa adesão e disponibilidade para contribuição com este trabalho e foram receptivos em todo o processo.

Foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas, com questões abertas e perguntas de recurso caso houvesse necessidade de maior aprofundamento das respostas obtidas. Foram entrevistados cinco integrantes do grupo aos quais foram atribuídos nomes fictícios com o objetivo de preservar o anonimato dos participantes. Escolhemos nomes comuns para referenciar os informantes: Tereza, Luiz, Mário, Marta e Antônia. A análise do conteúdo das entrevistas foi praticada conforme (CRUSOÉ, 2014; AMADO; COSTA; CRUSOÉ, 2017) e “consiste numa técnica de pesquisa documental que procura “arrumar” num conjunto de categorias de significação o “conteúdo manifesto” dos mais diversos tipos de comunicação.” Primeiramente, fez-se leitura vertical em busca de possíveis categorias e escolheu-se, como unidade de sentido, as frases e os parágrafos. (CRUSOÉ, 2014)

As experiências formativas estão presentes em todo o processo, desde a inserção à multiplicação das atividades do T.O e sobre elas relembra Tereza (2019) *A gente fez uma oficina de teatro do oprimido baseada em assuntos que a gente já tinha passado para os alunos e eu acho que além deles terem uma visão assim, que para estar no teatro não precisa estar no palco, eles também conseguiram entender os assuntos que a gente tinha passado*

*anteriormente de uma forma prática fazendo teatro*<sup>7</sup>. Aqui o T.O apresenta-se como uma ferramenta de ensino-aprendizagem dentro do espaço escolar. Tereza é estudante de licenciatura e durante a entrevista expôs sobre o estágio que havia feito e como o uso do T.O contribui para que os estudantes pudessem adquirir uma melhor aprendizagem sobre o conteúdo e de maneira criativa, além da aprendizagem do conteúdo da disciplina, os estudantes foram envolvidos em imersões que se estenderam para além desse contexto de aplicação. Assim, compreendemos em Silva (2016, p. 3) que “O Teatro apresentado por Augusto Boal tem um papel que vai muito além do entretenimento, pois busca e promove nos envolvidos uma visível transformação transcendendo o universo teatral”.

Para Luiz (2019) *é uma formação crítica [...] política e você se questiona como cidadão naquele espaço, como indivíduo social [...] o teatro do oprimido proporciona isso porque ele questiona essas relações*. Mediante a fala de Luiz vale mencionar:

Para que os oprimidos se libertem das injustiças que sofrem é necessário criar sua própria lei e assumir o poder que dela emana, poder que só se consegue com a participação ativa na vida social e política, com organização e com o bom uso da força dela decorrente. (BOAL, 2009, p. 72).

Percebemos que o T.O desperta a consciência dos envolvidos no processo, conforme Luiz (2019) *o teatro do oprimido forma nesse sentido de você ser um cidadão, político, crítico, se questionar o tempo inteiro*. Já para Mario (2019), *forma pessoas para serem cidadãos melhores, para que não possamos oprimir outras pessoas*. Para Marta (2019) a formação também está na troca de conhecimento, *inclusive já rolou alguns fóruns que a gente teve uma reflexão de no final a galera conversar, e a galera deu um feed back muito positivo, de fazer link, de falar sobre coisas e tal, de trocar conhecimentos, eu acho que essa troca é uma forma de formação*. Conforme as falas apresentadas acima, podemos evidenciar nos escritos de Almeida (2013, p. 37) que “O ser humano só existe verdadeiramente em relação”.

As aprendizagens possibilitadas no T.O são diversas, cada integrante recebe de forma diferente. Contudo, nota-se várias aproximações em suas narrativas. Para Tereza (2019) se aprende *promover essas reflexões sobre as relações de opressor e oprimido e acho que a partir daí a gente começa a trazer pra nossa vida e relacionar a aquilo que a gente ta passando, pensar sobre e tentar achar uma solução*. Conforme Freire (2000, p. 119), “O ser humano é, naturalmente, um ser da intervenção no mundo à razão de que faz a história. Nela,

---

<sup>7</sup> Destacamos as falas dos integrantes em itálico para diferenciar das demais citações.

por isso mesmo, deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de puro objeto”. Nas atividades do T.O o participante é convidado a pensar sua vida dentro e fora de cena, propõe a quebra da objetificação tanto de pensamento quando da ação, leva o envolvido ao estado de sujeito que reflete sua vida.

Para Luiz (2019) *acho que eu parei mais pra pensar através da escuta eu parei pra pensar, pra ouvir as pessoas [...].* Luiz percebe-se enquanto ser de comunhão, de troca e partilha *o teatro do oprimido me proporcionou isso, que através da escuta eu consegui entender o outro e através de entender o outro eu consegui ter empatia. [...]* Nota-se nesta fala um dos aspectos mais importante dentro do T.O, o momento de interação entre seus membros, de propor, conforme expõe Luiz (2019), *um momento de se questionar e um momento de fazer as pessoas que estão ali fazendo os jogos pensar.*

Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (FREIRE, 1978, p. 39)

Mario (2019) expõe ter aprendido que *o sonho do oprimido é se tornar opressor, e eu aprendi que a gente deve não só olhar nosso lado, mas olhar o lado do outro. [...],* mais uma afirmação sobre a importância da partilha e troca com o outro. *Eu aprendi a olhar as pessoas com outros olhos. [...] depois que eu comecei a praticar o teatro do oprimido eu pude olhar as pessoas de outra maneira e ver que eu estava sendo grandiosamente opressor. [...]* Afirma ainda que *aprendi a olhar diferente, eu aprendi a abraçar mais as pessoas, eu aprendi que todo mundo, todos nós somos iguais.* Marta (2019) complementa que *observar, assim, o contexto social como um todo, a gente olhar a minha realidade, entender a minha realidade, entender a realidade do outro e respeita[...].* Evidencia-se que tanto Mario quanto Marta encontram aprendizagens em comum no T.O. Percebem mais as pessoas ao seu redor, entendem que se deve respeitar a todos, entender não só suas questões como também as das outras pessoas, assim revelado em Almeida (2013, p. 23) “O indivíduo singular só se torna um si mesmo mediante a relação que estabelece consigo mesmo, com o próximo, com a comunidade e com o Absoluto”. Podemos ainda refletir em Freire (2014, p. 64) “Saber-se condicionado e não fatalista submetido a este ou aquele destino abre o caminho à sua intervenção no mundo”. O T.O. proporciona aos agentes possibilidades de emancipação humana via formação de consciência crítica sobre a realidade que os cerca,

Antônia (2019) contribui ao relatar que o T.O a ajudou *a aprender a colocar minha opinião, então a gente consegue falar, a gente consegue ouvir, a gente consegue também pensar porque a gente precisa pensar [...]*. Para Antônia sua participação ajuda a se compreender, a despertar sua mente para atividades sensoriais como falar e ouvir. *A gente acaba conseguindo desenvolver o nosso ser em muitas coisas que a gente é podada durante a vida*, completa a integrante. Essas e outras características reforçam, mais uma vez, o pensamento de Freire (2017, p. 93) “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte”. E assim vamos nos construindo e transformando a nossa realidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo apresentar resultados de pesquisa para evidencia a presença da pedagogia freireana na prática educativa do Teatro do Oprimido.

Percebemos neste trabalho as contribuições de Freire junto ao T.O para a emancipação dos envolvidos nesta prática educativa. Assim, podemos expressar que o diálogo, que também é o caminho do pensamento freireano torna-se, nesta pesquisa, também, a ligação entre T.O e as aprendizagens.

Os principais resultados demonstraram que as experiências formativas proporcionam: a) Liberta-se de “amarras” físicas e psicológicas; b) Aprender a ouvir o outro; c) Perceber-se no mundo; c) Despertar-se para uma consciência crítica; d) Reparar-se para lidar com as opressões vividas; e) Preparar-se para contribuir com um mundo melhor; f) Partilhas e vivências; g) Desperta a consciência dos envolvidos no processo.

As experiências formativas revelaram-se próximas a reflexão freireana ao que definimos como praticas educativas no encontro entre os princípios freireanos e os princípios do T.O. A prática educativa do T.O tem uma natureza pedagógica de promoção da aprendizagem e de emancipação. O T.O, assim como a pedagogia freireana, propõem uma formação respaldada na humanização dos sujeitos envolvidos nestes processos e contribui para que se pense em educação como prática de liberdade.

Desta forma, podemos registrar que o T.O, assim como a pedagogia freireana, propõe uma formação respaldada na humanização dos sujeitos envolvidos na luta contra as opressões vividas e contribui para se pensar a educação como prática de liberdade, uma educação conscientizadora e dialógica, levando assim, aos seus integrantes, práticas educativas não

escolares que tornam suas experiências formativas no T.O elementos de construção para a sua emancipação humana, para a transformação da realidade.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, Jorge Miranda de. **A educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial.** Ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013.

AMADO, João; COSTA, António Pereira; CRUSOÉ, Nilma. A técnica da análise de conteúdo. In: Amado, João (Coord.). **Manual de Investigação Qualitativa em Educação.** Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2017.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRITO, J. O. S. **Práticas educativas no Teatro do Oprimido: narrativas de integrantes.** 2020. 80f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **Prática pedagógica interdisciplinar na escola: sentidos atribuídos pelas professoras.** 1. Ed Curitiba: CRV, 2014.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro; BRITO, Jocilene Oliveira Santos. Paulo Freire e o teatro do oprimido: experiências formativas de jovens do interior da Bahia. **Revista e-Curriculum.** São Paulo, v.16, n.3, p.1252-1267 out./dez.2018

CRUSOÉ, Nilma Margarida de castro Crusoé; SANTOS, Edmilson Menezes. Fenomenologia sociológica de alfred schutz: contribuições para a investigação qualitativa em prática educativa. **Rev. Tempos Espaços Educ.** v.13, n. 32, e-13274, jan./dez.2020

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade.** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação.** 3 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

NUNES, Silvia Balestrini. **BOAL E BENE: contaminações para um teatro menor.** Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). PUC/SP, São Paulo, 2004.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais.** Edição e organização Helmut T.R. Wagner; tradução de Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, Ivone Ferreira da. **O Teatro do Oprimido**: A arte de libertar os sujeitos. Cadernos PDE. Paraná, v. 1, 2016.